

A Atividade Econômica em 2021

GUILHERME TINOCO (*)

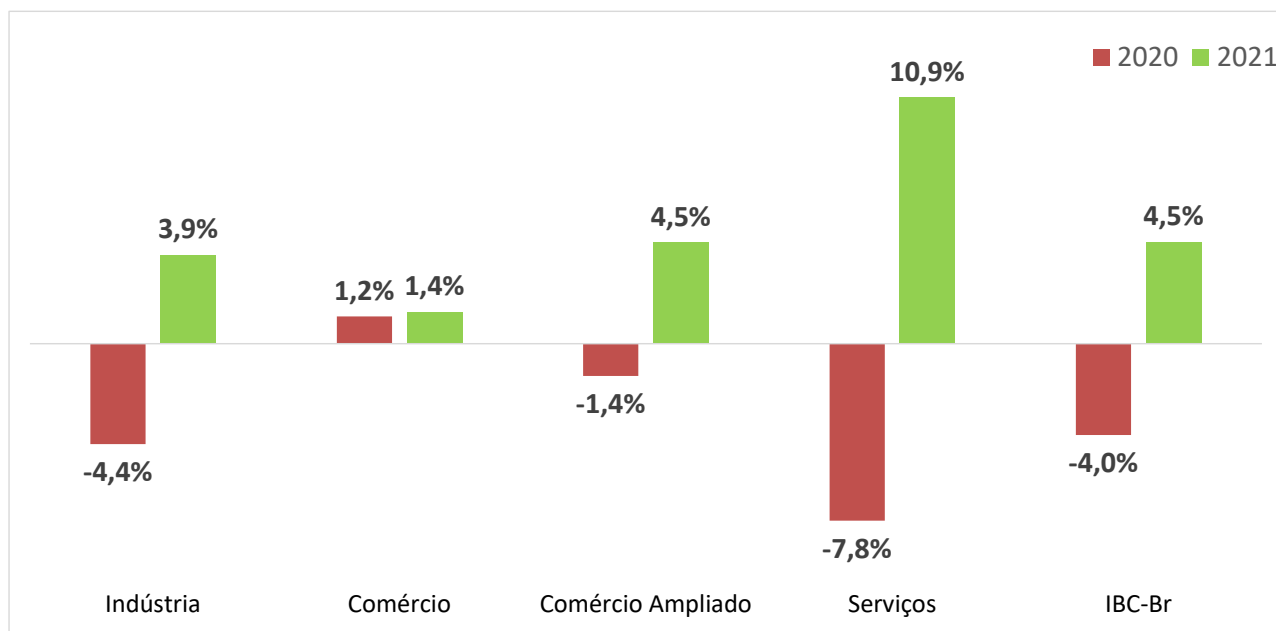
No início de fevereiro, foram divulgados os principais indicadores de atividade econômica fechados para o ano de 2021. Embora ainda falte a divulgação do número definitivo do PIB pelo IBGE, que acontecerá no dia 4 de março, as principais pesquisas conjunturais já nos permitem entender como se comportou a economia brasileira no ano

passado. Este é, portanto, o objetivo deste artigo. Para essa análise, utilizaremos os dados de indústria, comércio e serviços, além do indicador agregado de atividade do Banco Central, o IBC-Br.¹

O primeiro ponto a notar é que, como esperado, foi um ano de forte recuperação da atividade,

após as fortes quedas observadas no ano de 2020. O Gráfico 1 mostra as variações em 2021 em relação a 2020 da produção industrial, do comércio restrito, do comércio ampliado, dos serviços e da atividade econômica agregada. Também mostra, para efeito de comparação, as variações de 2020 em relação a 2019.

Gráfico 1 – Atividade Econômica em 2021 e 2020 (Crescimento em Relação ao Ano Anterior)



Fonte: IBGE e BCB.

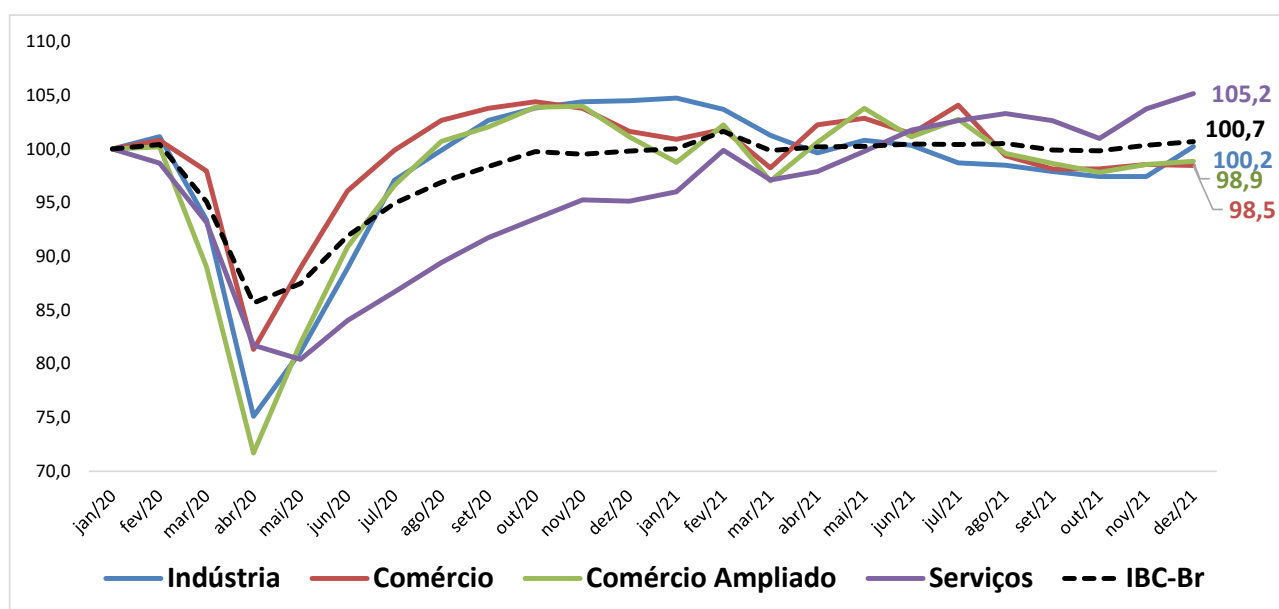
Como pode ser visto, em 2021, houve alta em todas as categorias. Em 2020, pelo contrário, apenas o comércio restrito tinha apresentado elevação, com todas as outras categorias recuando. Em 2021, a produção da indústria cresceu 3,9%, o comércio restrito cresceu 1,4%, o comércio ampliado (que inclui veículos e materiais de construção) aumentou 4,5%, os

serviços subiram 10,9% e a atividade agregada aumentou 4,5%. Vale lembrar que este último tem uma forte relação com o PIB, que também deve aumentar cerca de 4,5%, segundo as estimativas de mercado mais recentes.

O segundo ponto a notar é que, apesar dos fortes números observados para o ano fechado, este mo-

vimento se deveu mais à trajetória desempenhada na segunda metade de 2020, que viabilizou um grande carregamento estatístico para o ano que se encerrou. No Gráfico 2, que mostra a trajetória dos indicadores em bases mensais, percebe-se que, de maneira geral, o nível de atividade ficou mais ou menos estável ao longo de 2021.

Gráfico 2 – Atividade Econômica em 2021 e 2020 (Em Volume, Janeiro de 2020 = 100)



Fonte: IBGE e BCB.

Em relação à indústria, por exemplo, verifica-se que o nível de produção observado ao final de 2021 era bem similar ao de janeiro de 2020 e ligeiramente abaixo daquele observado entre o final de 2020 e início de 2021. No caso dos comércios (restrito e ampliado), também se verifica que os pa-

tamares observados ao final de 2021 ficaram ligeiramente abaixo da média do ano (e também abaixo daquele de janeiro de 2020). Somente os serviços encerraram 2021 em uma crescente: de setor mais atrasado na recuperação ao longo de 2020, tiveram uma elevação mais consistente na segunda

metade de 2021 e encerraram o ano em patamar significativamente acima do nível de janeiro de 2020. O indicador de atividade agregada do Banco Central ficou praticamente em “linha reta” ao longo do ano, encerrando 2021 em um patamar apenas 0,7% acima daquele de janeiro de 2020.

A próxima questão é entender como se comportou cada segmento dentro de cada um desses setores. Com as particularidades desse biênio, é possível constatar profundas diferenças no exame dos dados desagregados.

Na indústria, por exemplo, 18 dos 26 segmentos apresentaram alta na produção. Os maiores destaques vieram de veículos e máquinas e equipamentos: cresceram, respectivamente, 20,4% e 24,1%. Ambos vinham de redução expressiva em 2020, de 27,9% e 4,2%. Somente esses dois setores responderam por 2,9 pontos percentuais da alta de 3,9% da indústria no ano e isso sem considerar seus efeitos em outros setores. Também merecem menção os setores de metalurgia (+15,5%) e minerais não metálicos (+14%); do lado negativo, chama atenção a queda de alimentos, de 7,8%, um dos poucos setores que havia crescido em 2020.²

No comércio, dos 10 setores cobertos pela pesquisa, 6 tiveram alta nas vendas em relação a 2020. Enquanto alguns se recuperaram das fortes quedas do ano anterior (como tecido e vestuário, com alta de 13,8% depois de queda de 22,5% em 2020; combustíveis, que cresceram 0,3% seguindo a queda de 9,7% de 2020 e veículos, com

alta de 14,9% depois do recuo de 13,6% do ano anterior), outros seguiram crescendo, como artigos farmacêuticos, outros artigos de uso pessoal e materiais de construção. Dentre os setores de queda, destacam-se o de móveis e eletrodomésticos (queda de 7% depois de alta de 10,6% em 2020) e livros, jornais e revistas (queda de 16,9% depois da queda de 30,6% do ano anterior). Enquanto o primeiro parece ter sofrido com uma antecipação de consumo realizada em 2020, o segundo voltou a cair, mostrando uma possível tendência de redução a partir das novas tecnologias existentes no setor.

Já em serviços, foi notada a recuperação mais robusta, alcançando todos os cinco subsetores.³ Como o setor sofreu mais com as restrições impostas durante a pandemia, as taxas de crescimento foram mais expressivas em 2021, destacando-se o subsetor de serviços prestados às famílias, com alta de 18,2% (depois da queda de 35,6% em 2020), e de transportes, correio e armazenagem (alta de 15,1% depois da queda de 7,6%).

Apesar da forte recuperação verificada no ano de 2021, as perspectivas para 2022 são pouco animadoras. Como vimos no Gráfico 2, a atividade segue mais ou menos

estável desde o início de 2021, sem nenhuma aceleração observada. Ao mesmo tempo, cada um desses setores sofrerá com a conjuntura mais geral, caracterizada por inflação elevada, perda de renda real dos consumidores e juros em elevação. Além disso, há fatores mais pontuais, como no caso da indústria, que sofre com os gargalos em algumas cadeias de insumos e com a alta nos custos de transportes. O consumo também não vem passando por um bom momento, dados os níveis ainda elevados de desemprego e a já comentada perda de renda real. Apenas os serviços podem ter um cenário mais promissor, mas mais concentrado naqueles subsectores que ainda têm um espaço para recuperação até alcançar os níveis pré-pandemia.

O resultado de todo esse cenário pode ser visto com mais clareza nas expectativas de mercado para o crescimento do PIB em 2022, que seguem em torno de 0,3%, sendo que casas importantes mantêm uma previsão de número negativo ou zerado. Embora o país necessite de números bem mais elevados, sobretudo para melhorar a fotografia no mercado de trabalho, infelizmente é esse o prognóstico mais atualizado que temos hoje.

Anexo

Tabela 1 – Variação Anual nos Setores e Subsetores de Indústria, Comércio e Serviços

	2020	2021
Indústria (*)	-4,4	3,9
Veículos	-27,9	20,4
Metalurgia	-7,2	15,5
Máquinas e Equipamentos	-4,2	24,1
Extrativa	-3,4	1,1
Produtos químicos	-0,5	5,7
Celulose	1,3	3,5
Alimentos	4,2	-7,8
Derivados Petróleo, Coque, etc	4,4	-0,8
Minerais não metálicos	-2,6	14,0
Comércio Ampliado	-1,4	4,5
Combustíveis e lubrificantes	-9,7	0,3
Hipermercados e supermercados	4,8	-2,6
Tecidos, vestuário e calçados	-22,5	13,8
Móveis e eletrodomésticos	10,6	-7,0
Artigos farmacêuticos, médicos, etc	8,3	9,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	-30,6	-16,9
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-16,2	-2,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,5	12,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	-13,6	14,9
Material de construção	10,8	4,4
Serviços	-7,9	10,9
Serviços prestados às famílias	-35,6	18,2
Informação e comunicação	-1,6	9,4
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-11,4	7,3
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-7,6	15,1
Outros serviços	6,8	5,0

Fonte: IBGE e BCB. (*) Foram listados somente os subsetores de maior peso

1 Os dados utilizados se referem à Pesquisa Industrial Mensal (IBGE), à Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE) e à Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE), além do indicador de atividade do Banco Central, o IBC-Br.

2 Segue, no anexo, a Tabela 1, com as variações anuais de subsetores da indústria, comércio e serviços.

3 Importante dizer que as atividades cobertas pela PMS abrangem apenas cerca de 30% do valor adicionado dos serviços no PIB, como mostra Box sobre o tema no Relatório Trimestral de Inflação do BCB de março de 2017.

(*) Mestre em Economia pela FEA/USP. (E-mail: gtinoco2002@hotmail.com).